

De memórias, loucuras e esqueletos guardados

TEOLINDA GERSÃO (2019). *Atrás da Porta e outras Histórias*. Lisboa: Porto Editora, 128 p.



Contra todas as expectativas, há uma possibilidade, ainda que remota, de conseguires sair da escuridão, mesmo que, fora de ti, não haja nenhuma luz.

Teolinda Gersão, *Atrás da Porta e outras Histórias*.

Ler estes contos de Teolinda Gersão, *Atrás da Porta e outras Histórias*, cada um deles é como ler um extenso romance. O conto «Atrás da porta» é um perfeito exemplo da sua mestria. Uma personagem inquieta e perturbada consulta um psiquiatra, quer saber se é ele ou o mundo que está doido ou a perder o juízo em tempos de guerras e loucura por toda a parte. Nessas palavras de «diálogo» contido, o psiquiatra não tem respostas, tal como não se importa minimamente por quem está sentado à sua frente. O nosso mundo actual está aqui representado de modo lapidar, a paródia um perfeito retrato do inferno em que todos vivemos. Sobressaem destas palavras um e outro, os dois extremos do nosso sentido de dor e responsabilidade pessoal e da indiferença de quem poderá ser ou não um médico legítimo ou simplesmente um fraudulento mestre do engano e do desprezo por quem lhe aparece no «consultório», o psiquiatra sem empatia e muito menos respostas. Em quase toda a escrita da autora, seja ela em qualquer género, conto ou romance, é sempre a ironia e estranheza de sermos vivos-mortos ambulantes (como diria um Tomas Wolfe acerca de certos nova-iorquinos num seus próprios contos, «Only the Dead Know Brooklyn») e em busca da saída para a sanidade e a decência que se manifestam em certas

personagens suas, ou então um quotidiano sem sentido, quase sempre de sofrimento sem queixas, quer seja numa grande cidade como Lisboa ou na mais remota das aldeias escondidas nas serras portuguesas. Solidão e distância perante todos os outros numa pequena ou grande comunidade. De vidas vividas num miserável apartamento na cidade ou numa casa primitiva nos mais escondidos e esquecidos recantos, reencontramos sempre uma humanidade ora carinhosa ou pelo menos pacífica, ou o outro lado raivoso em qualquer um destes contextos da sua vivência. «Sair da escuridão» descreve perfeitamente a temática que nos dá o fio condutor desta prosa repartida e que nos apresenta a totalidade infeliz do mundo contemporâneo em que vivemos, e aonde estes seres reinventados representam e se tornam em símbolos maiores do desespero e da má sorte. Estão eles e elas num estado alienado de tudo que se passa à sua volta ou no resto do mundo. Estamos aqui num tempo ficcional que são os nossos dias. É a angústia de uns e, uma vez mais, o desespero de outros. A obra de Teolinda Gersão não só nos aproxima deste estado de ser e estar como nos coloca no corpo e na alma de cada uma das suas protagonistas. Intercala de conto em conto a voz de narradores masculinos e femininos. Nenhum leitor se poderá afastar em modo identitário de ninguém aqui representado. A grande literatura faz ou permite-nos esta aproximação emotiva ou mesmo meramente artística de uma leitura simultaneamente gentil e forte, sem limites de linguagens ou pudores moralistas das suas e nossas vidas em dias de grande incerteza ou aldrabice do quotidiano do nosso presente e da condição humana no terror da pobreza, violência ou de amores e desamores.

Se coloquei o conto que dá o título ao livro no centro deste meu texto é porque acredito que sintetiza vigorosamente todo o resto da narrativa desta obra. De certo modo, esta escrita de Teolinda Gersão faz-me também lembrar os quadros magistrais de um Edward Hopper, mas ao contrário: Ele iluminava os seus seres imaginados na luz do interior dos quartos enquanto olhavam com expressões de solidão e tristeza o sol ou a luz do exterior, sempre com a descrença no que viam na claridade do lado de fora. Aqui, todos os interiores são de escuridão, sem que nenhuma personagem, do mesmo modo, vislumbre um pouco de esperança ou crença nos dias que se seguirão à sua má sorte ou raiva. Não existem amores sinceros ou verdadeiros, cada vivência em conjunto é uma separação sem futuro. Homens e mulheres raramente se amam, e os seus filhos são deixados num limbo do nada e de ninguém que os proteja. Pobres, bêbados ou simplesmente pequenos comerciantes ou donos de um café rural agem de modo absolutamente desligados do sofrimento interior de quem conhecem ou encontram. Deparamo-nos com cenas que são de puro realismo literário como

mágico. Mulheres procuram o amor que nunca acontece, homens esperam pela noite ou fim da tortura diária dos seus empregos ou relacionamentos com os outros. Não se trata aqui de um pessimismo generalizado, tão-só de retratos que nos mostram as nossas vivências possíveis num mundo sem regras nem moralidade alguma. O último conto deste livro, «Dona Branca e os prestidigitadores» é devastador, mais parece uma reportagem da velha e muito conhecida «banqueira» do povo, que acabou na prisão, e agora fala-nos após a morte dos que a usavam, desde os mais pobres a figuras gradas da sociedade, comparando o que fazia com o dinheiro que lhes confiavam e que ela nunca roubava como os bancos oficializados do neoliberalismo financeiro, ou de quem na verdade nos rouba todos os dias e governam a seu proveito descarado o mundo inteiro. Faz-me lembrar o que um dia disse Philip Roth numa entrevista quando lhe perguntaram como era ainda possível «imaginar» uma história ficcional na nossa época. Ele respondeu que nenhum escritor poderia ultrapassar o ultraje da realidade. A primeira página de qualquer jornal ultrapassava de longe qualquer ficção sobre um mundo em sobressaltos ou surrealista. Na obra de Teolinda Gersão temos um Portugal muito conhecido e escuro, e depois a tal luz que a sua ficção lança sobre nós. Vale por cem livros de História académica ou “oficializada”.

É esse o problema: como identificar uma coisa que pode ser meramente virtual, um objecto que não é portanto um objecto, que (por enquanto) ainda é desconhecido, diferente de tudo o que cabe nas habituais categorias do entendimento? Poderia dar-lhe nomes, à experiência, mas em nenhum ele se enquadra: luz, vibração, planta, animal, pedra, sombra, máquina, vento, ritmo, conceito. Por vezes (mas tudo é relativo, porque ele muda constantemente de forma), assemelha-se vagamente a uma borboleta ou pássaro, para logo se transformar em folha ou ramo ou árvore e cair apodrecido, parecendo confundir-se com a terra. Mas também essa transformação é ilusória, ou virtual. É talvez apenas isso: movimento, constante mudança, constelação instável de formas: uma amiba luminosa, incandescente, que num momento seguinte é engolida pela sombra e desaparece no escuro.

De «realidade» e «sombras» é feita a grande literatura. Em *Atrás da Porta e outras Histórias* é essa outra transfiguração de um país que bem conhecemos, mas que nos leva a qualquer geografia e à condição em que vivemos. Conhecemos a narrativa escolástica, mas só os grandes escritores entram na alma dos esquecidos, no seu esconderijo, nas suas mentiras, na sua mítica estudada e grafada em documentos que mais dizem sobre a classe dominante e as suas decisões do

que de todo um povo em luta pela sua sobrevivência ou alegrias e tristezas. O chamado “universalismo” é também isto: a condição humana em qualquer parte, como aliás confirma toda a distinta literatura do mundo, mudando só de língua, imagística e impulso metafórico de cada artista. Ou seja: traz-nos o resto da verdade, ou se calhar a verdade inteira.

*Vamberto Freitas**

* Docente universitário, ensaísta e crítico literário.